ARTE



CONQUISTA

SOLUÇÃO EDUCACIONAL POSITIVO

ENSINO FUNDAMENTAL

6º ANO – 1º VOLUME

EDITORA POSITIVO

Conquista – Solução Educacional Positivo
© texto: Arte. Maristher Motta Bello e Paulo César Motta Bello
© projeto gráfico: Vicente Design
© ilustração de abertura: DKO Estudio
© imagens de abertura de unidade: Shutterstock/Dominique Landau, Shutterstock/Jorisvo, Shutterstock/Tim Stirling e Shutterstock/Mono Collective
© ilustrações: Angela Giseli, Divanzir Padilha e DKO Estudio
Direitos de publicação © 2014 Editora Positivo Ltda.

Diretor-Superintendente	Ruben Formighieri
Diretor Geral	Emerson Walter dos Santos
Diretora Comercial	Stela Mars Menfrin de Oliveira Macchin
Diretor Editorial	Joseph Razouk Junior
Gerente Editorial	Maria Elenice Costa Dantas
Gerente de Conteúdo	Júlio Röcker Neto
Gerente de Arte e Iconografia	Cláudio Espósito Godoy
Supervisão Editorial	Cristina Kerscher
Edição de Conteúdo e Texto	Emanuella Kalil
Supervisão de Arte	Karina Hollanda
Analista de Arte	Alexandra Mascari Cezar
Edição de Arte	Cassiano Darela
Editoração	Sinal Gráfico
Revisão	Sandra Regina de Souza (Coord.) Fernanda Marques Rodrigues
Pesquisa Iconográfica	Susan Rocha de Oliveira
Engenharia de Produto	Solange Szabelski Druszcz

PRODUÇÃO
Editora Positivo Ltda.
Rua Major Heitor Guimarães, 174 – Seminário
80440-120 – Curitiba – PR
Tel.: (0xx41) 3312-3500
Site: www.editorapositivo.com.br

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Gráfica e Editora Posigraf S.A.
Rua Senador Accioly Filho, 500
81310-000 – Curitiba – PR
Tel.: (0xx41) 3212-5451
E-mail: posigraf@positivo.com.br
Impresso no Brasil
1 2 3 5 6 7 8 9 10 11 12

2014
Todos os direitos reservados à Editora Positivo Ltda.

Internacionais para Catalogação na Publicação (CIP)
(Maria Teresa A. Gonzati / CRB 9-1584 / Curitiba, PR, Brasil)

B446 Bello, Maristher Motta Bello.
Conquista : Solução Educacional Positivo : arte, 6º ano / Maristher Motta Bello, Paulo Cesar Motta Bello ; ilustrações Angela Giseli, Divanzir Padilha, DKO Estudio. – Curitiba : Positivo, 2014.
v. 1 : il.

ISBN 978-85-385-8160-4 (Livro do aluno)
ISBN 978-85-385-8161-1 (Livro do professor)

1. Arte. 2. Ensino fundamental – Currículos. I. Bello, Paulo Cesar Motta. II. Giseli, Angela. III. Padilha, Divanzir. IV. DKO Estudio. V. Título.

CDU 372.8



EDITORA POSITIVO

Sumário

1. CORES DA PRÉ-HISTÓRIA 4

Arte na pedra 5

» Período Paleolítico 6

» Período Neolítico 11

Surgimento da dança, da música e do teatro 14

» Manifestações teatrais na Pré-História 14

» Música primitiva 15

» Primeiros passos de dança 19

2. INTRODUÇÃO À TEORIA DA COR 24

Caminhos da cor 25

» Síntese aditiva (é a própria luz) 26

» Síntese subtrativa (pigmento, luz refletida) 28



1. CORES DA PRÉ-HISTÓRIA

Você já teve a oportunidade de observar uma obra de arte em um museu? E de assistir a uma peça de teatro ou dança? Atualmente, é comum termos acesso aos mais diversos tipos de obras de arte, mas quando e como será que tudo começou? É isso que vamos estudar nesta unidade.

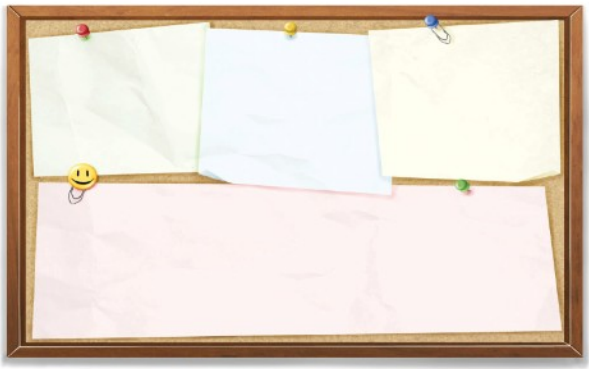


Pulsar Imagens/Rik Jappert

PINTURA rupestre no Boqueirão da Pedra Furada em São Raimundo Nonato – PI, 2010.

AO PÉ DA LETRA

Com a ajuda dos colegas e do professor, escreva, no espaço a seguir, palavras que expressem o que você já sabe sobre as primeiras manifestações artísticas da humanidade.



EKO Estúdio, 2014. Digital.

Arte na pedra

Investigando a história da trajetória humana, arqueólogos, antropólogos e estudiosos de diversas áreas descobriram aquelas que podem ser consideradas as primeiras produções artísticas da humanidade – a arte rupestre, que tem esse nome por usar como suporte as rochas das cavernas habitadas durante a Pré-História. Homens e mulheres abrigavam-se em grutas porque o frio era muito intenso e lá ficavam aquecidos com suas fogueiras. Nesses locais, também estavam mais protegidos do ataque de animais.



Fabio Imperial/Adriano Gambarini

Sítio arqueológico do Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí, onde se encontra uma das maiores concentrações de pinturas rupestres do mundo.

Entende-se por Pré-História o período entre o aparecimento dos primeiros ancestrais dos seres humanos, há cerca de um milhão de anos, até o surgimento dos registros escritos, em torno de 4000 a.C. Justamente por ser um período anterior à escrita, é muito difícil afirmar com precisão o que se passou na época. Isso também se aplica às manifestações artísticas estudadas neste livro. Os estudiosos nos dão algumas possíveis interpretações, as quais precisam ser tomadas com cautela, pois não são uma verdade absoluta.

De acordo com as habilidades dos seres humanos em cada período, a Pré-História pode ser dividida em três idades: Idade da Pedra Lascada ou Paleolítico; Idade da Pedra Polida ou Neolítico; Idade dos Metais.

Período Paleolítico

Pode-se dizer que as primeiras manifestações artísticas dos seres humanos se iniciam por volta da segunda fase do Paleolítico, chamada Paleolítico Superior, quando os seres humanos migravam de um lugar para outro à procura de frutas e outros vegetais comestíveis e de ambientes propícios à pesca e à caça. Essa última, em especial, exigia muita habilidade e coragem. Caçavam-se animais de grande porte, como mamutes, bisões, felinos, renas, entre outros. Eram eles que condicionavam a sobrevivência de nossos ancestrais, ao fornecerem carne e gordura para a alimentação, couro para a proteção do frio, chifres e ossos para a produção dos mais diversos instrumentos. Tamanha era a importância desses animais, que são as figuras que mais aparecem nas pinturas rupestres do período.

Uma das interpretações possíveis para esse tipo de registro é que, ao retratar esses animais, os homens acreditavam que adquiriam poder sobre eles. É como se, de forma mágica, o animal passasse a estar sob o comando de quem o desenhou. Assim, teria sido inventada uma tentativa de dominá-los: a pintura de suas imagens nas paredes das cavernas. [2]

As pinturas e os desenhos eram produzidos com carvão, pigmentos vegetais, sangue de animais e pó extraído de pedras, misturados a resinas de plantas ou à gordura de animais. Voltaremos a falar sobre pigmentos na segunda unidade.

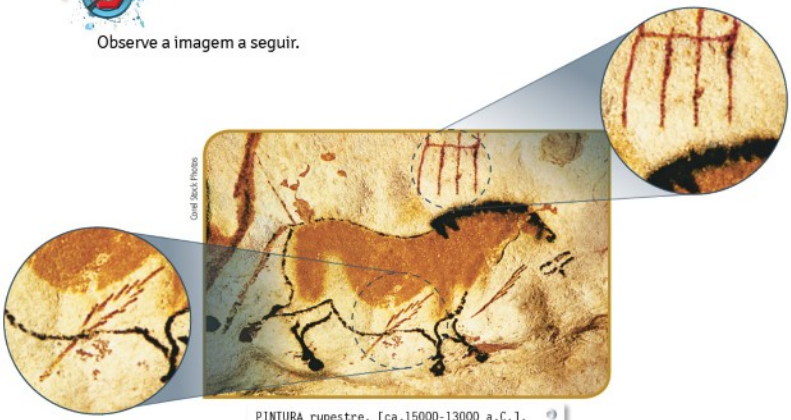


Corel Stock Photos

BISONTE. [ca. 15000-12000 a.C.]
1 pintura sobre parede, color.
Lascaux - Dordogne, França.

PARE E REPARE 3

Observe a imagem a seguir.



PINTURA rupestre. [ca.15000-13000 a.C.]. Caverna de Lascaux, França.

A pintura *Cavalo*, provavelmente, representa um animal a ser caçado. Essa leitura é possível se observarmos os grafismos acima da cabeça do animal, que podem indicar uma armadilha, e as flechas que atingem sua barriga.

Os volumes criados com o uso da tinta marrom-avermelhada dão indícios de que o autor da pintura conhecia bem o animal. Pode-se observar também que a cabeça foi representada menor do que realmente é, assim como a barriga foi modificada, parecendo muito maior do que é na realidade.

OUTRAS HISTÓRIAS

Você sabia que as pinturas rupestres da Caverna de Lascaux, na França, foram descobertas por acaso por crianças e um cachorrinho?

Acompanhe a história a seguir. 4

Muito, muito tempo atrás...

Um certo dia, tempos atrás, quando seu avô e sua avó eram crianças, alguns meninos e um cachorrinho estavam passeando em uma mata. O nome do lugar eu conto depois. Em um certo momento, o cachorrinho começou a latir e se enfiou entre algumas pedras, desaparecendo. Os meninos, curiosos e preocupados, foram ao seu encalço. Perceberam que havia uma passagem, escura e estreita.

Como tinham levado consigo um lampião de querosene, resolveram seguir o cão. Antes de entrar, perceberam que o buraco havia aparecido porque um pinheiro muito grande havia caído naquele local, abrindo uma fenda.

À medida que iam entrando buraco abaixo, as paredes iam se alargando, formando uma grande sala: era uma caverna. Como a luz era fraca, pouco se podia ver; no entanto, perceberam que as paredes estavam cobertas de desenhos e pinturas. Ficaram impressionados com a grandeza e a beleza das imagens. Dias depois, com a notícia espalhada, apareceram visitantes de todos os lugares.

Entre eles, arqueólogos, antropólogos, etc. Aqueles objetos, restos de comidas, imagens, esculturas e até a cinza das fogueiras foram pesquisados e estudados.

Chegou-se à conclusão de que, naquela caverna, haviam vivido homens de Cro-Magnon, do Paleolítico Superior.

O nome desta caverna é Lascaux, e ela fica no sul da França, na região de Dordogne.

Os meninos que a encontraram chamavam-se Marcel Ravidat, Jacques Marsal, Georges Agnel e Simon Coencas. Esse fato aconteceu no dia 12 de setembro de 1942.

BELLO, Maristher Motta; BELLO, Paulo César Motta. *Arte*. 2ª série. Curitiba: Positivo, 2008. p. 15-16.



DKO Estúdio. 2014. Digital.

Entre as primeiras manifestações artísticas da humanidade, estão as mãos em negativo. Para produzi-las, aplicava-se algum tipo de pigmento sobre as mãos apoiadas na rocha e em seu entorno, normalmente soprando-se algum pó colorido por meio de um osso oco. Dessa forma, obtinha-se o contorno vazado que vemos na fotografia a seguir.



Latticid/Album Arthrima

CAVALOS, mão em negativo. [ca. 20000 a.C.] 1 pintura rupestre, 340 cm de comprimento. Pech-Merle, França.

As mãos, provavelmente, fascinaram os humanos pré-históricos por diferenciá-los dos outros animais. Com elas, era possível agarrar o alimento – ação realizada também por outras espécies – e também produzir objetos, o que indicava seu alto grau de desenvolvimento **cognitivo**. Assim, mais que utilizar instrumentos como prolongamentos de suas mãos e braços, os seres humanos eram os únicos com a habilidade de produzi-los, desenvolvendo a aprendizagem e acumulando conhecimento.

Cognitivo: relacionado ao processo mental de raciocínio, percepção e memória.

ARTE NA PRÁTICA

5

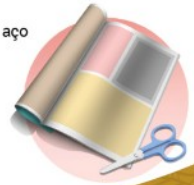
Agora que você está por dentro da história, vamos trabalhar? É fácil e divertido fazer uma pintura da mão em negativo. Veja a seguir.



DKO Estúdio. 2014. Digital.

Materiais

- Uma esponja de limpeza doméstica ou palha de aço
- Revistas ou jornais velhos
- Tesoura sem ponta
- Papel pardo ou papelão



Procedimentos

1. Com seus colegas e seu professor, cubra a parede da sala ou do corredor da escola com papelão ou papel pardo.
2. Selecione páginas de revistas ou jornais com imagens grandes que ocupem a maior parte da área disponível (a tinta utilizada na impressão será transferida).
3. Desenhe o contorno de sua mão sobre a página escolhida.
4. Recorte a figura da mão e posicione-a, com a face voltada para cima, sobre o painel de papel pardo ou papelão.
5. Por meio de movimentos do centro para fora, com uma esponja de lavar louça ou palha de aço, a tinta da impressão será transferida para o papel, deixando a imagem da mão em negativo.
6. Retire o recorte e veja o resultado.

Registre com fotos o trabalho coletivo e guarde no seu dossiê da arte ou caderno.

Você pode utilizar o espaço a seguir para fazer um primeiro teste, usando um pequeno recorte. Se preferir, pode colar a figura da mão utilizada na pintura da parede.

Também datam do Período Paleolítico os primeiros objetos intencionalmente criados, como algumas armas de caça (machados de mão, flechas, entre outras) e esculturas conhecidas como Vênus – as quais eram, em sua maioria, imagens femininas, com ventre largo e cabeça unida ao corpo. Provavelmente, com elas tinha-se a intenção de divinizar o poder da fertilidade e da concepção, exclusivo das mulheres.

A imagem da mulher ligada à maternidade está relacionada, desde os primórdios da humanidade, à visão de proteção, sobrevivência, continuidade, criação. Existe a hipótese, também, de que essas esculturas fossem uma espécie de amuleto. A *Vênus de Willendorf*, encontrada onde hoje se situa a Áustria, é um exemplo desse tipo de artefato.



Museu de História Natural de Viena / Fotografo Desconhecido

Ladislav Gorban/Friends G. Mayer

VÊNUS de Willendorf. [ca. 25000--20000 a.C.] 1 escultura em pedra, altura: 11 cm. Museu de História Natural, Viena.

Período Neolítico

A partir do período Neolítico, os povos primitivos passaram a concentrar-se ao redor dos rios, organizando-se em tribos e tornando-se **sedentários**. Aprenderam a plantar, colher e criar animais, não precisando mais mudar de um lugar para outro quando o alimento se tornava escasso.

Sedentário: aquele que tem morada fixa.

A arte do Período Neolítico expressa essas mudanças: as pinturas nas paredes das cavernas retratam pessoas trabalhando. Como precisavam representar muitas pessoas em movimento, as figuras foram reduzidas, apresentando-se estilizadas e com pouca cor. 6



Getty Images/Photographer's Choice/Friedrich Schmidt

PINTURA rupestre. [ca 6.000-4.000 a.C.]



LatinStock/Album Art/Oronoz

PINTURA rupestre. Representação de pessoas vestidas, dançando próximas a animais domesticados.

Com a estabilidade, veio o aumento rápido da população e também o desenvolvimento da família e da divisão do trabalho. Os humanos do Neolítico aprenderam a tecer, a fazer cerâmica e a produzir fogo por meio do atrito. Com isso, teve início o trabalho com os metais. Foram encontradas, sobretudo na Escandinávia e na Sardenha, esculturas feitas com esse material que representavam guerreiros e mulheres.

Ricas em detalhes, essas esculturas em metal provavelmente eram elaboradas por meio do **método com fôrma de barro** ou da **técnica da cera perdida**.

Saiba mais



ESCULTURA neolítica em bronze. Museu Pigorini, Roma.

Como eram feitas as primeiras esculturas em metal

Para o escultor que usava o **método da fôrma de barro**, o primeiro passo consistia em fazer uma fôrma com esse material. Nela era despejado o metal já derretido em fornos. O ferro fundido era deixado dentro da fôrma de barro até que esfriasse. Depois de frio, a fôrma era quebrada. Obtinha-se, assim, uma escultura com a configuração anteriormente dada ao barro.

Já o trabalho do artista que usava a **técnica da cera perdida** começava com a construção de um modelo em cera. Esse modelo era revestido de barro aquecido. Com o calor do barro, a cera derretia-se e escorria por um orifício que era propositalmente deixado na peça de cerâmica. Obtinha-se assim um objeto oco. Depois, por esse mesmo orifício, preenchia-se o objeto com metal fundido. Quando este estivesse endurecido e frio, quebrava-se o molde de barro. Dentro dele estava a escultura em metal, igual à que o artista tinha moldado em cera.

PROENÇA, Graça. *História da Arte*. São Paulo: Ática, 2000. p. 15.

Ao se estabelecer em um local fixo, o ser humano começou a construir cabanas, outros tipos de moradias, monumentos e templos para os espíritos de seus antepassados, dando origem às primeiras construções arquitetônicas, os nuragues (feitos de pedras justapostas sem argamassa) e os dolmens (duas grandes pedras fincadas verticalmente e sobrepostas por outra na horizontal), provavelmente santuários.

7 Além de templos religiosos, esses monumentos construídos com grandes blocos de pedras – os megálitos – serviram como relógios solares e bússolas. Por meio deles, os homens primitivos se localizavam no tempo e no espaço, com a ajuda do Sol e da sombra.

Eles perceberam que, quando o Sol mudava de posição, a sombra também mudava. Assim, escolhiam um local amplo e lá colocavam grandes blocos de pedra, na posição vertical.

O objetivo era fazer com que a luz do Sol, ao incidir sobre a pedra, projetasse uma sombra bem visível. Assim, à medida que a posição do Sol em relação à Terra se modificasse, a sombra projetada também se transformava, indicando o tempo transcorrido e funcionando como um grande ponteiro de relógio.

Um exemplo desse tipo de monumento de pedra é o de Stonehenge, situado em Salisbury, Inglaterra. Ele foi construído entre 2000 e 1600 a.C. Esse relógio de sol, apesar de primitivo, tem precisão equiparada aos instrumentos científicos mais modernos de hoje.



© Shutterstock/Rosemin



© Shutterstock/Justin Black

Construções pré-históricas de Stonehenge (Inglaterra)

Surgimento da dança, da música e do teatro

Chamar a atenção dos alunos para o fato de que a união de linguagens ocorre ainda hoje, em formas de representação como a ópera e o musical.

Embora não se tenha registros precisos, acredita-se que as primeiras manifestações do que hoje se considera Dança, Música e Teatro tenham surgido em rituais sagrados. Em suas cerimônias, para homenagear os deuses e os mortos, o ser humano da Pré-História pintava o corpo, dançava e compunha músicas com o ritmo dos passos e de instrumentos rudimentares. Como nas civilizações pré-históricas, atualmente, ainda existem tribos que têm na dança o movimento e os gestos que dão vida a rituais.

Essas manifestações se modificaram com o decorrer do tempo, mas muitas de suas formações e figuras continuam presentes em algumas danças folclóricas, como os **folguedos**, as **congadas** e as **cirandas**.

Em sua evolução, essas três formas de expressão – Dança, Música e Teatro – foram se dissociando e adquirindo configurações mais específicas, como você vai estudar a seguir.

Congada: dança que mistura tradições africanas com bailados portugueses e espanhóis. Representa a coroação de um rei do Congo (África), por meio de um cortejo real, com danças, cantigas e cantos de trabalho.

Ciranda: dança de roda, infantil ou adulta.

Folguedo: dança, brincadeira, divertimento, festa.

Manifestações teatrais na Pré-História



Pulsar Imagens/Ricardo Azoury

PINTURA rupestre. [ca. 20 000 a 12 000 anos.] Parque Nacional da Serra da Capivara, São Raimundo Nonato – Piauí.

O desejo de transformar-se em outra pessoa é algo tão antigo quanto a humanidade e se materializa no fazer teatral, seja ele uma **pantomima** de caça dos povos da Pré-História ou uma peça de teatro moderno. Para que outra realidade possa ser construída por meio do teatro, é necessário deixar de lado a vida lá fora para poder entrar na história contada pelos atores.

Pantomima: representação realizada, exclusivamente, por meio de gestos, expressões faciais e movimentos corporais.

André Leroi-Gourhan, em seus livros *Os caçadores da Pré-História* e *O gesto e a palavra*, explica que o Teatro, na sua configuração mais primitiva, possivelmente tenha sido individual e surgido com base na imitação. O ser humano observava o fogo, o vento, os animais e, com movimentos, dava ao corpo formas diversas. Essa era uma maneira de se harmonizar com a natureza e se sentir parte dela.

Mais tarde, rituais foram compostos com pantomima e dança. Em forma circular, em volta das fogueiras, em grupo ou imitando animais selvagens, esses rituais foram se modificando com o tempo.



DKO Estúdio, 2014. Digital.

Acredita-se que, já na Pré-História, tenham sido utilizadas máscaras ou objetos de representação, como explica Margot Berthold, em *História mundial do teatro*:

> Do ponto de vista da evolução cultural, a diferença essencial entre formas de teatro primitivas e mais avançadas é o número de acessórios cênicos à disposição do ator para expressar sua mensagem. O artista de culturas primitivas [...] arranja-se com um chocalho de cabaça e uma pele de animal; a ópera barroca mobiliza toda a parafernália cênica de sua época.
>
> BERTHOLD, Margot. *História mundial do teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2006. p. 1.

Música primitiva

Comentar com os alunos sobre as possibilidades sonoras do corpo, ressaltando a voz como um dos primeiros instrumentos musicais. Antes de aprender a falar, o ser humano imitou o som dos animais e do vento para se comunicar e para se expressar.

É muito provável que os sons da natureza, como o assobio do vento entre as árvores, tenham inspirado os humanos pré-históricos, despertando-os para a existência e a possibilidade da produção sonora. Explorando o som de ossos, bambus e troncos de árvores, eles criaram os primeiros instrumentos. Incentivar a pesquisa de sons produzidos por elementos da natureza, como o vento, as conchas do mar e a chuva.



LatinStock/Alp-Prager/Bible Land Pictures



LatinStock/Album Artefacts Leipzig

Os povos primitivos usaram ossos de aves para produzir as primeiras flautas de que se tem notícia.

Atividades cotidianas, como soprar um tubo – feito de osso de ave, por ser oco – para acender ou manter o fogo, também podem ter tido um papel importante nesse sentido. Daí até a invenção da flauta pode ter sido apenas uma questão de tempo.

Saiba mais

Os ossos das aves, diferentemente dos de outros animais, são ocos e cheios de ar, sendo por isso chamados de pneumáticos. Essa característica torna o esqueleto das aves mais leve e apto para o voo.



Corte de osso pneumático de ave

Lars Ove Cotta Larsen / C. Bergman

Com um tubo feito de osso de ave, os humanos da Pré-História podem ter inventado a flauta. Da mesma forma, conchas, troncos ocos, couro esticado e o próprio corpo também foram percebidos como fontes sonoras especiais.

Da consciência da existência do som, veio sua transformação em expressões musicais, que possivelmente buscavam uma comunicação com o divino, ou seja, tinham função mágica e mística.

Atualmente, em muitas comunidades do Japão, a tradição de entoar cânticos quando ocorrem acontecimentos da natureza ou fenômenos incomuns, como um eclipse solar, ainda permanece. Isso se deve à herança cultural repassada pelos antepassados, provavelmente, desde os primórdios de seu surgimento. Na cultura japonesa, os cânticos eram oferecidos à deusa do Sol, que, segundo a tradição, se escondia em uma gruta quando ficava triste.

O som e o silêncio

As matérias-primas da música são o som e o silêncio. O som é movimento, energia, resultado da vibração de um corpo. O silêncio é a ausência **relativa** de som, pois não existe silêncio absoluto. Vamos perceber o silêncio?

Na sala de aula, ou em casa, experimente ouvir os sons mais sutis, ou o silêncio relativo que surge quando:

- tapamos os ouvidos;
- respiramos e o ar entra em nossos pulmões e deles sai;
- observamos a pulsação do coração.

Acústica

A Acústica é uma área das Ciências que estuda o som. Ela analisa como ele é emitido, quais são as suas características e como as paredes o absorvem ou o refletem.

Mas o que faz o som de um instrumento ser diferente de outro? Para emitir um som, algo precisa vibrar. Em um tambor, por exemplo, o que vibra é a superfície em que se bate (a pele do tambor); em um violão, a corda. O material e a maneira como acontece essa vibração constituem um dos objetos de estudo da Acústica.

Pesquisa

Agora é sua vez de explorar a sonoridade de diversos materiais utilizados no cotidiano.

1. Selecione cinco objetos e anote, a seguir, algumas formas de produzir sons com eles. Pessoal.

OBJETOS	FORMAS DE PRODUZIR SOM

2. Utilizando os mesmos objetos, ou buscando outros de seu dia a dia, crie instrumentos musicais simples, como o tambor, o reco-reco, o pandeiro, a flauta, o chocalho e o xilofone. A seguir, aprenda como fazer um instrumento musical. 8

Materiais

- Lata de leite em pó ou achocolatado vazia e sem tampa.
- Fita isolante.
- Bexiga.
- Lápis.
- Guardanapos ou lenços de papel.
- Elástico.


DIO Estúdio. 2014. Digital.

Como fazer

1. Colar várias tiras de fita isolante sobre a boca da lata vazia.
2. Tampar a lata com uma bexiga, de modo que esta fique bem esticada.
3. Prender a bexiga com um elástico.
4. Enrolar pedaços de guardanapo ou lenços de papel na ponta do lápis, deixando a ponta arredondada (a baqueta também pode ser feita com cortiça e palitinhos de churrasco).
5. Passar fita isolante em volta dos guardanapos ou lenços, para grudá-los no lápis.

3. Pesquise em livros, revistas ou na internet outras formas de se construir um instrumento musical.


P.Imagens/Pith


P.Imagens/Pith


P.Imagens/Pith

Primeiros passos de dança 9

A Dança é a arte de expressar sentimentos, ideias e saberes, por meio de movimentos, gestos e coreografias. Ao fazer movimentos para se aquecer e se comunicar, o ser humano descobriu o ritmo. O movimento ritmado é uma manifestação instintiva do ser humano. Acredita-se que, inicialmente, a dança tenha surgido como manifestação desordenada de medos, ira e afetos.

Segundo algumas correntes da Antropologia, suas primeiras manifestações têm relação direta com a conquista amorosa. Para outros estudiosos, a dança era realizada para imitar a natureza, experimentar o ritmo da vida, ensaiar o movimento dos pássaros, dos animais, etc.

Na dança primitiva, a organização era imposta pela estrutura do corpo, o qual se movia de acordo com um ritmo e conforme um ritual. Com a evolução das tribos e a formação de grupos diversos, a dança passou a ser parte de cerimoniais e de celebração popular.

A linguagem do corpo evoluiu e constituiu-se em significados diversos, acompanhando a evolução cultural de antigos rituais vivificados nas danças de roda, nas cerimônias de guerra, nos coroamentos, nas uniões, nos trabalhos, no lazer, etc.



Getty Images/Gallo Images/Danny Allen

Pintura rupestre, Zimbábue

Linha do tempo

É hora de você relembrar o que estudou até agora! Para isso, observe a linha do tempo a seguir.



Lotte Stock Foto/Franck G. Mayer

Vênus de Willendorf.

25000-20000 a.C.



Corel Stock Photos

Pintura rupestre. Caverna de Kascaur, França.

15000-13000 a.C.



Corel Stock Photos

Clichen. Cabana pré-histórica em forma de colmeia. Fahan, Irlanda.

4000-2800 a.C.



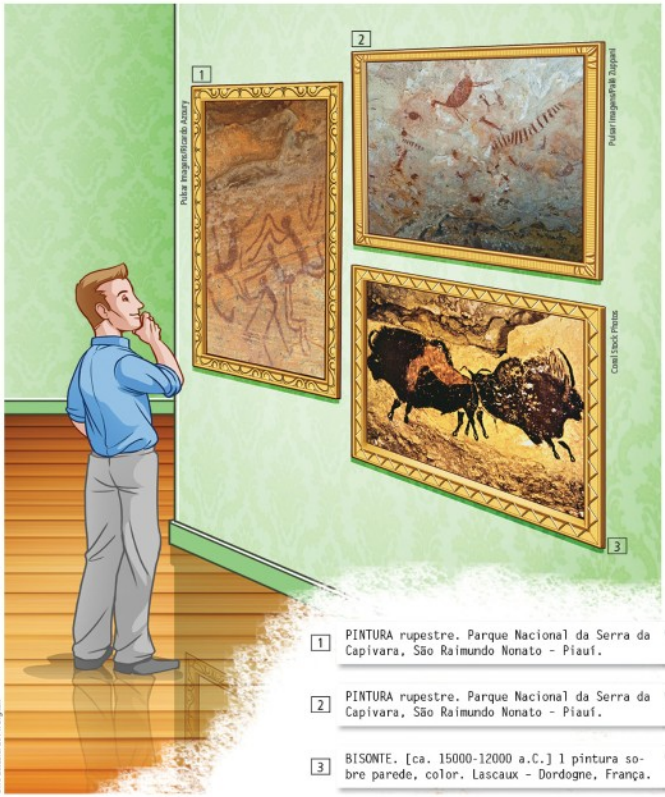
© Shutterstock/Norsmith

Megálitos de Stonehenge, Inglaterra.

2000 a.C.

GALERIA DE ARTE 10

Observe, a seguir, algumas representações de pinturas rupestres. Elas são arte e poderiam estar em um museu, como as obras de grandes artistas.



1 PINTURA rupestre. Parque Nacional da Serra da Capivara, São Raimundo Nonato – Piauí.

2 PINTURA rupestre. Parque Nacional da Serra da Capivara, São Raimundo Nonato – Piauí.

3 BISONTE. [ca. 15000-12000 a.C.] 1 pintura sobre parede, color. Lascaux – Dordogne, França.

PARE E REPARE

Escolha uma das imagens reproduzidas na galeria de arte de seu livro, contemple-a por alguns instantes e escreva um comentário com suas primeiras impressões.

Pessoal.

Em uma segunda análise, observe com mais atenção as cores e os códigos formais utilizados (linhas, pontos, etc.), as figuras que aparecem e seu contexto histórico.

Para você, existe relação entre os temas retratados, as formas de pintar e esculpir e as questões relacionadas ao dia a dia dos seres humanos que viviam na Pré-História? Discuta com os colegas e o professor e depois registre, nas linhas a seguir, como pode ser possível saber mais sobre a história da humanidade ao observar expressões artísticas como as que acabamos de ver.

Pessoal. Por meio de uma expressão artística produzida há mais de 12000 a.C., como *Bisonte*, é possível resgatar dados históricos desse período. Por exemplo: a provável intenção de reconhecimento da presa por parte dos seres humanos (é aceitável a teoria de que os caçadores da Pré-História procuravam saber mais a respeito de suas presas, observando-as e representando-as nas paredes das cavernas onde habitavam ou se protegiam) e o caráter místico e sobrenatural dessas figuras para homens e mulheres da época (ao reproduzir a figura do animal na parede, acreditava-se na apropriação de seus poderes, ampliando, por consequência, as chances de sucesso na caçada).

Atividades

Você já parou para pensar que as pinturas rupestres têm algo de semelhante com aquelas encontradas atualmente nos muros das cidades?

1. Converse com seu professor e seus colegas sobre os desenhos que você costuma enxergar pelos locais onde transita. Como eles são? É possível visualizar figuras ou apenas letras? Existem mensagens escritas? Você consegue compreendê-las? Há algum bairro ou alguma rua em que esses desenhos sejam notados com mais frequência?

2. Na volta para casa, observe com mais cuidado essas pinturas e descreva, pelo menos, duas delas nas linhas a seguir. Lembre-se de anotar o nome da rua onde cada uma foi encontrada.

Pessoal.

3. Se possível, tire uma fotografia para compartilhar com seus colegas. Uma vez que todos os colegas tenham trocado as fotos entre si, cole-a no espaço a seguir.

Saiba mais

[...]

De onde vem

A comparação do graffiti com as pinturas rupestres é inevitável. A imagem pré-histórica gravada na parede é considerada o primeiro registro de arte de que se tem notícia. Segundo Celso Gitahy (2002), foi o uso do bastão de grafite, entre outros materiais disponíveis então, que deu nome à técnica de escrever ou desenhar em muros.

[...]

É pichação ou graffiti?

A confusão entre as duas palavras é comum e perfeitamente aceitável entre os círculos sociais exteriores à produção de rua. A origem histórica é comum a ambos, mas eles se diferem quanto ao objetivo, à mensagem, ao produtor, ao espaço apropriado entre outras coisas.

Para diferenciá-los proponho mesmo que nos fixemos nos seus surgimentos. A pichação remete à injúria, à falta de apuro estético e ao protesto, seja ele político, religioso ou pessoal. Enquanto o graffiti remete à pintura rupestre, à preocupação estética e à expressão de ideias.



Getty Images/Paul Marotta/Contributor

OS GÊMEOS. Mural creation at revere, Hotel Boston Common, Massachusetts.

Quando falamos de pichação nos referimos ao uso de spray em ambientes públicos com o intuito de demarcar território ou o estar no mundo, de interagir ou pertencer a um grupo. O pichador prefere escrever seu nome ou apelido em lugares vigiados, monumentos públicos ou locais de difícil acesso para chamar a atenção sobre sua existência. Ele usa uma tipografia só entendida pelos seus pares, normalmente provém de classes sociais marginalizadas, suas mensagens têm conteúdo anárquico e pouca elaboração, exceto pelo desenvolvimento de alfabetos estilizados. A pichação parece brotar da parede, visto que é raro presenciar o ato de sua produção. Isso por que seu caráter é de contestação e clandestinidade. O pichador quer pôr a ordem em cheque.



Getty Images/Jeff J Mitchell/Staff

Coexistindo com a pichação, o graffiti também está em locais públicos e usa tintas sprays como material. Mas sua intenção é desmistificar a obra de arte e o espaço de exposição. Por isso mesmo o graffiti pode ser visto mais em prédios desativados, becos e superfícies desgastadas pelo tempo. Os grafiteiros comumente estão entre estudantes, profissionais liberais e artistas. Eles se detêm na forma e no conteúdo de sua mensagem, valorizam o engajamento social, o protesto branco, a cultura popular e possibilidade de decorar a cidade.

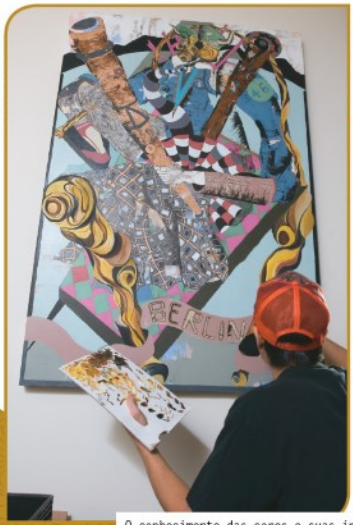
A elaboração de um graffiti por si mesmo pode ser vista como um happening, uma vez que o público pode acompanhar toda a ação dos produtores na execução do trabalho feito a luz do dia e em espaço, normalmente, aberto ao público.

[...]

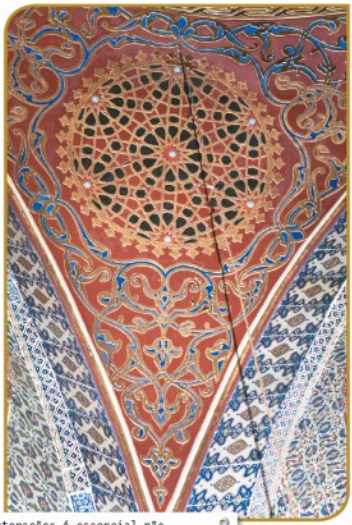
TAVARES, Jordana Falcão. Graffiti o muro, a parede, a universidade e até a galeria. In: *Encontro de História da Arte*, 4., 2008. Campinas: Unicamp, 2008. Disponível em: <http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2008/TAVARES,%20Jordana%20Falcao%20-%20IVEHA.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2014.

2. INTRODUÇÃO À TEORIA DA COR

Os humanos primitivos usaram diversos tipos de pigmentos para produzir as pinturas rupestres. Mas será que essa é a única forma de as cores se manifestarem? É isso que você vai estudar nesta unidade.



Latin Stock/©Cobra Akiaki Tanaka

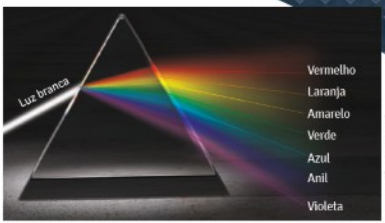


Latin Stock/Estúdio Rodrigo Mello Longhurst

O conhecimento das cores e suas interações é essencial não apenas para os artistas plásticos, mas para arquitetos, *designers*, decoradores e profissionais das mais diversas áreas.

Caminhos da cor

Os olhos percebem as cores porque existe luz. A luz solar é branca e nela estão presentes todas as cores. Quando a luz branca é decomposta por meio de um prisma de cristal, percebe-se sete cores diferentes. Esse fenômeno também pode ser observado quando as gotículas de água dividem os raios solares formando um arco-íris.



Diverdi Padilha. 2002. Digital.

ARTE NA PRÁTICA 1



© ThinkstockGetty Images

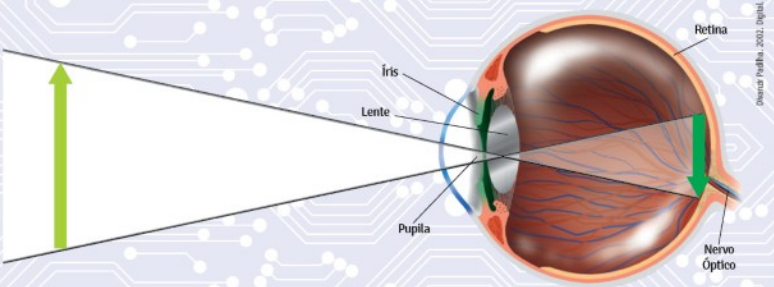
Você pode observar a decomposição da luz branca de forma bem simples. Pegue um CD (disco compacto) e faça movimentos com a face espelhada na direção de uma fonte luminosa, que pode ser o Sol ou uma lâmpada.

Relate sua experiência.

Pessoal.

Saiba mais

O olho humano é o órgão dos sentidos responsável por capturar imagens, que são lidas pelo cérebro. Os cones e os bastonetes são células localizadas na retina que auxiliam no processo da visão. Os cones percebem as cores, enquanto os bastonetes percebem os tons de cinza.



O olho humano só vê as cores porque existe luz. Isso pode ocorrer de duas formas: quando os raios de luz incidem diretamente na retina (luz direta) e quando os raios de luz primeiro incidem sobre um objeto e depois são refletidos para a retina (luz indireta).

Você percebeu que o prisma decompôs a luz branca em apenas sete cores? E as demais cores?

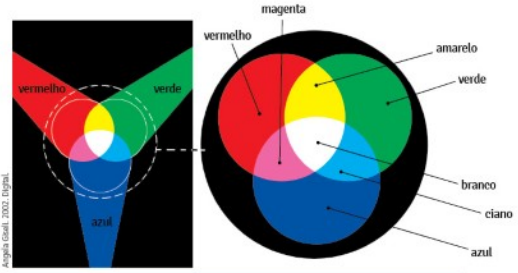
As cores que observamos nos objetos, nas revistas, na televisão, nas telas dos artistas e em tudo mais são obtidas por meio de misturas, chamadas de **síntese aditiva** e **síntese subtrativa**. Esses processos se caracterizam pela mistura de **cores primárias**.

As cores primárias não podem ser produzidas por meio de mistura. São chamadas também de cores geradoras, porque, quando misturadas, dão origem a todas as outras cores.

Síntese aditiva (é a própria luz)

Síntese aditiva é o processo pelo qual enxergamos as diferentes cores de luz. Para entender melhor, imagine a iluminação de uma peça teatral, ou mesmo os feixes de luz emitidos por uma televisão ou um monitor de computador. A síntese aditiva trabalha com a luz direta, não há pigmentos, nem objetos, e recebe esse nome porque adiciona raios luminosos.

As luzes vermelha, verde e azul, quando somadas, produzem a luz branca e, por isso, são chamadas de **cores primárias da síntese aditiva**. Mas, quando somadas duas a duas, formam as luzes amarela, magenta e ciano, as **cores secundárias da síntese aditiva**. Observe:



Luz vermelha + luz verde + luz azul = luz branca

Luz vermelha + luz verde = luz amarela
Luz vermelha + luz azul = luz magenta
Luz azul + luz verde = luz ciano

CURIOSIDADE

O processo de adição de luz possibilitou a invenção da televisão em cores, dos monitores de computador, dos celulares, etc. Observe as imagens a seguir, que simulam uma tela de projeção:



A figura da esquerda ilustra a emissão dos três feixes de luz nas cores primárias que acabamos de estudar - vermelho, verde e azul. Uma vez combinados, resultam na diversidade de cores que compõem a imagem da direita, com cores muito próximas das de uma pessoa real.

As iniciais dos nomes dessas três cores, em inglês, **R**ed, **G**reen e **B**lue, identificam o sistema **RGB**, empregado nas telas dos televisores, celulares, etc.

Atividades

Vamos ver como funciona na prática a síntese aditiva? Para isso, siga os seguintes passos.

a) Providencie:
- 3 luminárias comuns;
- 3 lâmpadas coloridas (azul, verde e vermelha), dispostas em cada uma das luminárias.

Observação: Se na sua escola houver equipamentos de luz no laboratório de Ciências, é possível utilizá-los em vez desses materiais sugeridos no livro.

b) Em um ambiente escuro, ligue uma das luminárias e observe o que acontece com a parede (que deve ser branca). Repita isso com cada uma das luminárias, isoladamente, e registre o que acontece.

A parede fica da cor da lâmpada de cada luminária.

c) Ligue duas das luminárias de cada vez: primeiro verde e azul, depois verde e vermelha e, por último, azul e vermelha. Escreva o que acontece em cada situação.

Primeiro a parede fica da cor ciano, depois amarela e, por fim, magenta.

d) Acenda as três luminárias de uma vez e registre o que acontece com a cor da parede.

A parede fica branca.

Síntese subtrativa (pigmento, luz refletida)

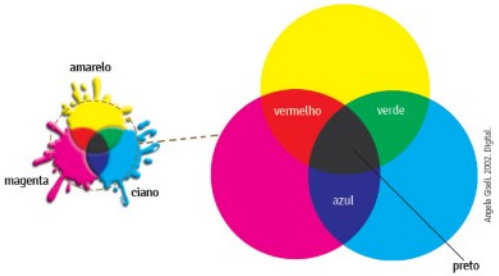
pigmento: matérias-primas utilizados na fabricação de tintas e corantes. Podem ter origem vegetal, mineral e animal. Hoje, a maioria dos pigmentos é sintética.

A síntese subtrativa é o processo pelo qual podemos enxergar as cores dos objetos e seus **pigmentos**. Por exemplo, imagine uma maçã bem vermelha. Podemos enxergá-la, porque ela apresenta pigmentos da cor vermelha em sua casca. Ao ser iluminada por uma luz branca, essa fruta reflete a onda luminosa correspondente ao vermelho e absorve todas as outras cores (violeta, anil, azul, verde, amarelo e alaranjado, como vimos no início desta unidade). Nesse caso, subtraímos luz.

As **cores primárias da síntese subtrativa** são o magenta, o ciano e o amarelo. Elas são cores puras e não podem ser obtidas por meio de misturas.

Se misturarmos tintas, ou sobrepusermos filmes transparentes (papel celofane, por exemplo), em duas a duas dessas cores, obteremos as **cores secundárias da síntese subtrativa**: o vermelho, o verde e o azul.

A mistura ou a sobreposição dessas três cores primárias absorve completamente a luz, formando o preto. Observe:



Magenta + amarelo + ciano = preto

Magenta + amarelo = vermelho
Magenta + ciano = azul
Ciano + amarelo = verde

Se observarmos o cartucho colorido de uma impressora, veremos que as cores que aparecem ali são justamente as cores primárias da síntese subtrativa que estamos estudando: ciano, magenta e amarelo. Isso porque, com essas três cores, é possível obter todas as outras normalmente utilizadas em uma impressão. A mistura das três, entretanto, resulta em um preto não muito forte, motivo pelo qual as impressoras apresentam um cartucho exclusivo de tinta preta, que serve para acentuar os contrastes.

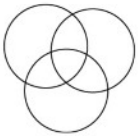
As iniciais dos nomes dessas três cores, mais o preto, em inglês, identificam o sistema **CMYK**, empregado nas gráficas e impressoras.



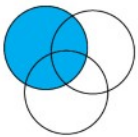
Atividades

Para realizar esse experimento, você vai precisar de um computador e uma impressora colorida. Comece escolhendo um aplicativo de desenho, depois siga estes passos:

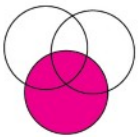
a) Trace três círculos, como na figura a seguir.



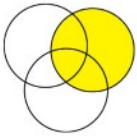
b) Preencha um deles com a cor ciano e solicite a impressão.



c) Recoloque a folha na impressora, deixe o primeiro círculo sem cor e preencha o segundo de magenta. Imprima a folha novamente.



d) Deixe o segundo círculo sem cor e preencha o terceiro círculo de amarelo. Recoloque a folha na impressora para imprimir uma terceira vez.



e) Observe as misturas de tinta na folha impressa. Registre, nas linhas a seguir, o resultado de sua experimentação. Se possível, cole a imagem que você obteve ao final do exercício.

Magenta + amarelo = vermelho. Magenta + ciano = azul. Ciano + amarelo = verde. Magenta + ciano + amarelo = preto.



Pesquisando pigmentos

Na natureza, encontramos diferentes matérias que podem ser utilizadas como pigmentos. As cores que chamamos de tons terra são de mais fácil localização, justamente por se apresentarem nessa forma. Podem variar entre os tons amarelado, alaranjado, avermelhado até o marrom. O preto, costumamos encontrar na forma de vegetais queimados, como o carvão.



© Shutterstock/Redkas

Os pigmentos podem ter origem vegetal, mineral, animal e sintética.

Saiba mais 2

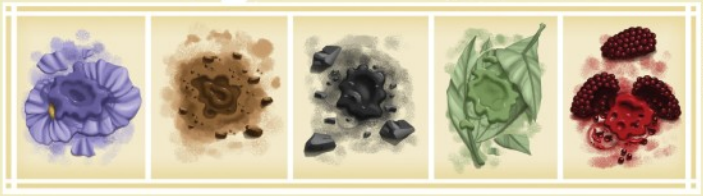
O uso de corantes naturais começou há milhares de anos, havendo evidências entre os antigos egípcios, China e Índia. No Brasil, os corantes naturais têm importante relação com sua história, a começar pelo nome do país, proveniente da madeira de Pau-brasil (*Caesalpinia echinata*), importante fonte de corante vermelho no século XVI. Durante grande parte do século XIX, o Brasil também forneceu o corante índigo extraído da planta *Indigofera tinctoria*, de coloração azul.

Até a metade do século XIX, os corantes naturais eram essencialmente obtidos dos reinos animal e vegetal, que ofereciam todos os recursos para sua obtenção. O cultivo de plantas e a criação de animais ou suas coletas junto às fontes naturais, o processamento e a comercialização de materiais corantes deles obtidos, tiveram importantíssimo papel socioeconômico no passado, em nível mundial. No entanto, com o desenvolvimento do primeiro corante sintético em 1856, os corantes naturais foram rapidamente substituídos, devido ao baixo custo decorrente das economias de escala na produção, da flexibilidade de localização perto dos centros consumidores, homogeneidade da composição e garantia da qualidade. [...]

ROSSI, Ticiane. Corantes naturais: fontes, aplicações e potencial para uso da madeira. *Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais*, Piracicaba, 15 jul. 2008. Disponível em: <http://www.ipef.br/tecprodutos/corantes.asp>. Acesso em: 24 nov. 2013.

Pesquisa 3

Vimos alguns exemplos de pigmentos naturais, agora é a sua vez de pesquisar outros. Em uma cartolina, colete alguns tipos de pigmentos, sempre anotando embaixo a origem de cada um. Com a ajuda do professor, compartilhe os resultados com os colegas, assim vocês terão uma paleta de cores exclusivas para usar em suas próximas obras de arte!



DKD Estúdio, 2014. Digital.

Como estudamos no início deste livro, os humanos pré-históricos usavam pigmentos retirados da natureza para produzir suas pinturas. Alguns deles, provavelmente, semelhantes a esses que você acabou de levantar em sua pesquisa. Pensando nisso, preencha os quadros a seguir com alguns pigmentos sintéticos utilizados nos dias de hoje. Depois, compare os efeitos das tonalidades utilizadas no passado e no presente.

Pessoal.